

Irmandade da Santa Cruz dos Militares: Um Pouco de Sua História

Gen Bda R/1

MILTON ARAÚJO

TEMPLO DA SANTA CRUZ DOS MILITARES

O templo da Santa Cruz dos Militares, levantado na Rua Primeiro de Março, esquina da Rua do Ouvidor, tem a sua história assinalada por fatos curiosos que datam de muitos anos, e que bem revelam o espírito religioso da nossa gente, em todos os tempos, herdado dos descobridores de 1500.

Outrora, no ano de 1623, havia no local onde se encontra hoje a Igreja de Santa Cruz dos Militares, um pequeno forte aonde chegavam as águas da Baía de Guanabara.

Denominava-se Santa Cruz, esse forte. O tempo, entretanto, se encarregou de envelhecer e destruir quase completamente essa defesa do velho Rio de Janeiro, e em 1623, Santa Cruz apresentava o aspecto de desoladora ruína.

A vista da imprestabilidade do forte, que, dia a dia, mais se acentuava, os oficiais e soldados da sua guarnição resolveram se dirigir ao Governador da Cidade, Capitão Martim de Sá, para pedir-lhe que consentisse na edificação, ali, de uma ermida, onde os militares pudessem ser sepultados. Obtida a permissão desejada, iniciaram logo os trabalhos e o pequeno templo ficou concluído em 1628, recebendo a denominação de "Santa Vera Cruz".

Formou-se a Irmandade, cabendo aos oficiais superiores a obrigação de concorrer com 100 réis mensais, os inferiores com 50 réis e os soldados rasos com 20 réis apenas para a manutenção do templo. O Capitão Martim de Sá foi eleito para Juiz.

Terminada a construção da capela, os navegantes e comerciantes das imediações, passaram a festejar o seu padroeiro S. Pedro Gonçalves, na Santa Vera Cruz, ao que os Irmãos não se opuseram; ao contrário, em virtude de serem muito escassos os recursos de que dispunham, resolveram mesmo ceder, praticamente, àqueles festeiros, metade da ermida, sob a condição expressa de fazerem eles face a uma parte das despesas, não somente ordinárias, como das obras que acaso tivessem de ser realizadas.

E assim foi vivendo e prosperando sempre a Capela da Santa Vera Cruz. Nos princípios do século 18, a igreja de São Sebastião, situada no morro do Castelo, e que servia de Sé, ao Rio de Janeiro, encontrava-se bastante danificada pelo tempo. Carecendo de obras urgentes, voltou então o Bispo os olhos para Santa Vera Cruz, dirigindo-se à Irmandade com o intuito de conseguir que a Capela fosse cedida, para ali serem celebrados os officios religiosos, elevando-a, *ipso facto*, à categoria de Sé e Catedral. Isso foi em 1703.

Assim, a Santa Vera Cruz foi, durante três anos e meio, a Sé do Rio de Janeiro.

Em 1716, o então Governador da Cidade, General Francisco de Távora, por carta de sesmaria, confirmada mais tarde pelo rei de Portugal, D. João V, cedia à instituição religiosa, não somente o terreno em que assentava a ermida mas toda a área de terra que fosse fluindo nos fundos pelo recuo do mar.

Por volta de 1760, a ermida que não resistira ao correr do tempo, achava-se quase em ruínas. Os militares então apellaram para os festeiros de S. Pedro Gonçalves, no sentido de auxiliá-los com uma parte das despesas para reconstrução do templo. Não conseguiram, todavia, o seu intento; não con-

cordaram aqueles, e até deixaram de festejar o seu protetor. Anos depois, isto é, em 1780, resolveu a Irmandade começar a ereção definitiva de sua igreja, e convocou os festeiros de S. Pedro Gonçalves para discutirem sobre a cessão dos prédios que a esse tempo já havia no local e que pertenciam às duas confrarias. Ficou nessa ocasião assentado que os festeiros cederiam a sua parte nos prédios, mediante a condição de lhes ser permitida a realização de uma festa anual a S. Pedro Gonçalves e, ainda mais, que a imagem do santo tivesse um altar no templo. E tudo isso ficou ajustado e vem sendo cumprido religiosamente pela Irmandade. A primeira pedra da construção foi colocada em setembro de 1780 e os trabalhos tiveram início sob a direção do Brigadeiro Custódio de Sá e Faria. Trinta e um anos após, em 1811, foi terminada a igreja que recebeu a denominação de Santa Cruz dos Militares. A 28 de setembro, quando da sua consagração, foi celebrada missa solene, com a presença das pessoas de maior evidência na época, inclusive o príncipe regente D. João, que para aqui correra fugindo às hostes napoleônicas que dominavam quase toda a Europa na sua sede de conquista.

A Irmandade ofereceu nessa ocasião ao Regente o título de seu Protetor.

O templo tem passado por várias reformas e pinturas internas, contudo conserva ainda a sua primitiva forma.

São três os altares do templo. No da Capela-Mór está colocada a cruz sobre o Monte Calvário, tendo ao pé a imagem de N. S. Piedade e atrás da banquetta do altar-mór a imagem do Senhor Desagravado que constitui culto das devoções da Irmandade.

O altar do lado direito é a N. S. das Dores e o que fica à esquerda apresenta a imagem de S. Pedro Gonçalves.

A Irmandade no tempo da Monarquia, foi considerada imperial por Decreto de 3-12-1828 tendo D. Pedro I se declarado seu protetor.

Esse título, D. Pedro II transferiu para si, pouco depois de sua ascensão ao trono do Brasil em 1840. Em 1845 foi ins-

tituída a Devoção do Senhor Desagravado, que teve origem em um fato ocorrido na igreja durante uns reparos de pintura que ali se executava. Guarda a igreja preciosas relíquias que rememoram feitos do soldado do Brasil.

A igreja da Santa Cruz dos Militares tem capacidade para acomodar 250 pessoas, sendo 144 sentados, e é uma das preferidas da sociedade para celebração de cerimônias religiosas. Ultimamente vem tomando vulto entre os seus officios religiosos o culto do Senhor dos Aflitos.

Inúmeros militares exerceram funções de destaque na nossa Irmandade prestando valiosos serviços.

Dentre eles podemos citar o Duque de Caxias que foi Provedor e do discurso de sua posse transcrevemos as seguintes palavras que sintetizam bem o fim da Irmandade da Santa Cruz dos Militares.

“Os laços da espada nos unem, as lides da guerra nos ligam e os braços da Cruz nos abrigam. Irmãos pela Cruz e Irmãos pela espada, a nossa missão é sagrada: Santificar o culto do Divino Senhor e aliviar da miséria as viúvas e filhos dos que seguem a nobre profissão das armas. Eis aí o justo fim da sábia instituição denominada Irmandade da Santa Cruz dos Militares.”

A Irmandade no decorrer de sua existência tem sido alvo de inúmeras homenagens e recebido várias medalhas e condecorações, entre as quais podemos citar:

Medalha do Pacificador (Outorgada à Irmandade em 25/Junho/1957 pelo Exmo. Sr. Ministro da Guerra — General H. Duffles Teixeira Lott).

Condecoração da Ordem Imperial da Rosa.

Condecoração da Ordem Imperial de Aviz — Grau de Oficial.

Medalha da Campanha Geral do Paraguay (5 anos em Campanha).

Medalha da Campanha do Paraguay (República Oriental Del Uruguay).

Medalha do Exército em Operações contra o Governo do Paraguay.

Medalha alusiva ao Cincoentenário da República.

Condecoração da Ordem Imperial de Cristo (Grau de Cavaleiro).

Condecoração da Ordem Imperial de Cristo (Grau de Oficial).

Medalha do Exército em Operação contra o Governo do Paraguay.

Medalha da Campanha do Paraguay (República Oriental Del Uruguay).

Medalha do Corpo de Bombeiros (30 de novembro de 1889).

Cruz de Ferro — Condecoração do Império Alemão (I Guerra Mundial).

Condecoração Francesa — Campanha do México (Expedição do México — 1862/1865 Napoleão III).

Colar da Ordem Imperial da Rosa (ouro e rosas em porcelana — 1829).

Medalha Comemorativa do Monumento Altar a São Sebastião — 1965.

Condecoração Argentina conferida aos Vencedores de Corrientes (25 de maio de 1865).

Condecoração Argentina conferida aos integrantes do Exército Aliado em Operações contra o Governo do Paraguay.

Condecoração Francesa — Campanha da Itália — 1859 (Napoleão III).

Condecoração Francesa (1914/1918) — I Guerra Mundial.

Condecoração Francesa (1914/1918) — I Guerra Mundial (Cruz transpassada por duas espadas).

Medalhão do Marechal Deodoro da Fonseca.

Medalhão do Marechal Floriano Peixoto.

Medalhão do Presidente Prudente de Moraes.

Medalhão do Presidente Campos Salles.

Medalhão do Presidente Rodrigues Alves.

Medalhão do Presidente Afonso Pena.

Medalhão do Presidente Nilo Peçanha.

Medalhão do Presidente Marechal Hermes da Fonseca.

Medalhão do Presidente Getúlio Vargas (1930 — 1940).

Medalhão do Presidente Getúlio Vargas.

Medalhão do Papa Pio XII.

Medalhão Alusivo ao Marechal Trompowsky

Medalhão Alusivo ao Centenário da Devoção do Senhor Desagravado — Igreja da Santa Cruz dos Militares — 1845/1945.

Medalhão Alusivo ao Sesquicentenário de Nascimento do Marechal Manoel Luiz Osório — Marquês do Herval — 1802/1158.

Medalhão Alusivo à Comemoração da Inauguração da Igreja da Candelária — 1898/1948.

Medalhão Alusivo à Homenagem do Brasil ao General Agustín P. Justo, Presidente da Nação Argentina — 7-10-1933.

Medalhão Alusivo ao Centenário da Devoção do Senhor Desagravado — Igreja da Santa Cruz dos Militares — 1845/1945.

Medalhão Alusivo à Inauguração do Monumento a Caxias — Pantheon Militar 1949.

Medalhão Alusivo ao Centenário da Devoção do Senhor Desagravado — Igreja da Santa Cruz dos Militares — 1845/1945 (alumínio).

Medalhão Alusivo à Homenagem do Brasil ao Presidente Gabriel Terra, do Uruguai — 1934.

Medalhão Alusivo à Inauguração do Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados — Rio de Janeiro — 1938.

Medalhão Alusivo à Exposição Internacional — Rio de Janeiro — 1922/1923.

Medalhão Alusivo ao I Congresso de Numismática Brasileira — São Paulo — 24 de Março de 1936.

Medalhão Alusivo à Grande Guerra pela Civilização — 1914 — 1918.

Medalha a Ato de Caridade Praticado por Sua Majestade a Imperatriz do Brasil — Dona Thereza Cristina.

Medalha do Exército Brasileiro — 10 anos de bons serviços — Bronze (miniatura).

Medalha Inglesa — Eduardo VII e Alexandra Rainha consorte — coroação a 9 de agosto de 1902.

Ordem do Mérito Militar — Grau de Oficial (miniatura) — Brasil.

Medalha Comemorativa da Revolução de 3 de outubro de 1930.

Cincoentenário da Proclamação da República (miniatura)

Medalha Alusiva a Alberto Santos Dumont (20/7/1872 — 24/7/1932)

Medalha do Instituto Histórico e Geográfico Fluminense — Fundação de Cabo Frio — MDCXV/MCMXV.

Medalha Alusiva ao Centenário do Distrito Federal.

Miniatura de Espada Usada no Exército Brasileiro.

Miniatura da Espada do Duque de Caxias.

Medalha Comemorativa da Visita da Representação do Exército Argentino ao Brasil (7 de Setembro de 1939).

A Irmandade da Santa Cruz dos Militares comemora, agora, o seu 352.º aniversário.

É justo que, na passagem desse evento, rememoremos a história de sua fundação, da construção de seu templo, os benefícios prestados à família militar, a contribuição na solução dos problemas da moradia do povo carioca, a assistência religiosa, médica e jurídica aos seus irmãos e pensionistas — bem como os inúmeros ofícios religiosos celebrados em seu templo.

Aproximadamente 661 pensionistas recebem mensalmente médico e dentário, como a contratação de um corpo de vistas periodicamente de acordo com as disponibilidades da Irmandade.

Oferece também a Irmandade aos seus Irmãos e pensionistas assistência religiosa, médica e jurídica. Para atender aos seus Irmãos e famílias bem como aos pensionistas, a atual administração da Irmandade instalou modernos gabinetes médico e dentário, como a contratação de um corpo de profissionais de alta categoria. Além da parte assistencial — merece especial destaque nessa instituição o seu valioso arquivo e museu sacro com peças raras e preciosas. Como parte das comemorações do 325.º aniversário, a atual administração reformou as instalações da Sede e instalou um serviço de som na igreja que proporciona aos seus frequentadores, fora das horas dos ofícios religiosos, música que os mesmos denominaram de Música para Meditação.

Cooperando na solução do problema habitacional, as administrações da Irmandade vêm aumentando o número de construções de edifícios e apartamentos.

Outro ponto da Irmandade que mereceu sua especial atenção foi a modernização dos seus serviços internos com aquisição de novas máquinas e mobílias.

Ainda na parte assistencial cumpre destacar a distribuição de donativos a um número de necessitados, que procuram mensalmente a Irmandade.

(Dados colhidos no livro "Templos Históricos do Rio de Janeiro" de Augusto Loureiro. Relatórios e Boletins da Irmandade).